

CENTRO PAULA SOUZA
ETEC DR. EMÍLIO HERNANDEZ AGUILAR

TAINÁ GIANICCHINI

REVOLUÇÃO CHINESA

Franco da Rocha

2011

INTRODUÇÃO

Para um país que passou seus cinquenta primeiros anos do Séc. XX envolvidas em Guerras e Revoluções, a China vem evoluindo desde 1980 encontra-se num estado político, econômico e tecnológico mais do que satisfatório. Além de ser um dos berços da civilização humana, onde já fora encontrados Fósseis de Humanoides, é realizada a fundição de bronze e ferro, fabricação de cerâmica, produção de seda e a invenção e construção de carros de combates com rodas e puxados a cavalo. Sua escrita totalmente elaborada surgiu há mais de 4200 anos.

Pouco se sabe sobre a História da grande China e sua Revolução no mundo, devido a sua tardia tradução de obras como as de Mao Tse-Tung. Tradicionalmente os grandes proprietários rurais sempre foram os senhores de Guerras com seus próprios exércitos, porém isso nunca impediu que vivessem em constante beligerância, a qualquer conflito suas pradarias eram incendiadas, assim como suas terras e plantações, por isso, quase todo território chinês foi cercado por muralhas.

Até meados dos anos 90, a China mantinha a mesma economia de antes da Guerra, e, poucos acreditavam em suas estratégias de desenvolvimento, visando como o futuro da Ásia, apenas o Japão. Entre 1977 e 1982, passou-se por diversas reuniões onde foram discutidas formas de resolver os problemas de atrasos na economia e tecnologia. A China entrou no século XX I mudando seu ritmo e centro, com medidas anticrise e hoje é uma das maiores economias do mundo.

A Revolução Chinesa pode ser dividida em duas partes: O Movimento Nacionalista em 1911, chefiada por Sun Yat-Sem (primeiro presidente das Províncias Unidas da China); e a Revolução Comunista em outubro de 1949, com os comunistas tomando poder e proclamando a República, chefiada por Mao Tse-tung.

CHINA ANTES DA REVOLUÇÃO

A China sempre representou um atraente mercado consumidor e fornecedor de produtos cobiçados pelos ocidentais como a seda, o chá, as porcelanas e o artesanato de luxo. No início do século XIX a situação mudaria. Os ingleses, através da Companhia das Índias Orientais, não se conformavam com as restrições nem com o pequeno volume das vendas aos chineses. Diante disso, voltou-se para o comércio de ópio, proibido na China desde 1729. Tradicionalmente empregado como remédio, o ópio passou a ser usado como droga, afetando a saúde da população. Em 1833, o ópio já representava a metade do total das importações realizadas pela China enriquecendo a Companhia das Índias Orientais. Em represália, o governo chinês passou a combater o contrabando com severas penas, até que as autoridades confiscaram uma carga inglesa e jogaram-na no mar.

Alegando prejuízos à propriedade privada, o governo inglês iniciou uma série de retaliações que culminaram nas Guerras do Ópio (1839-1842 e 1856-1860). Na Primeira Guerra do Ópio, os chineses foram derrotados pelos britânicos, e pelo Tratado de Nanquim (1842), a China teve de abrir cinco de seus portos ao livre comércio e entregar a ilha de Hong-Kong aos ingleses. Seguiram-se outras revoltas: no período de 1864-1878, o povo muçulmano do Sul rebelou-se contra o domínio chinês, ocorrendo ao mesmo tempo a Rebelião Nien (dos camponeses dessa região). Os revoltosos foram derrotados, mas provaram a fragilidade da unidade do Império Chinês, mantida à custa de uma violenta opressão exercida pelo poder imperial.

Pelo Tratado de Tientsin (1858), a Grã Bretanha, França, Rússia e EUA obtêm amplas concessões, uma vez que os chineses admitiram a livre importação do ópio, abriram dez novos portos ao comércio europeu e permitiram a atuação de missionários cristãos no país, entre outras concessões. A resistência do Imperador, que não concorda com as instalações das legações na capital, dá a Inglaterra e a França pretexto para ocuparem militarmente Pequim e incendiarem o famoso Palácio de Verão em 1860, dando início a Segunda Guerra do Ópio; à Rússia abre a possibilidade de, no mesmo ano, ter reconhecida sua soberania sobre territórios siberianos tradicionalmente disputados pela China (Província Marítima).

Entre 1894-1895, o expansionismo do Japão que buscava controlar parte do Pacífico e o Sudeste Asiático, regiões que compreenderiam, na terminologia nipônica, a “Esfera da Prosperidade Asiática”, atinge a China e desencadeia a Primeira Guerra Sino-Japonesa, após humilhante derrota militar, a China perde a Ilha de Taiwan (Formosa), Port Arthur e a Ilhas Pescadores; a Coreia deixa de fazer parte do território chinês e é incorporada à esfera de influência japonesa. Antes disso, ainda em 1885, a China cede a Indochina à França. Em 1896, a Birmânia passa ao controle britânico.

Com cerca de 400 milhões de habitantes, a China do final do século XIX era um país submetido aos interesses das principais potências imperialistas. Para exercer sua dominação, as nações imperialistas contavam com o apoio de uma propaganda massiva e a conivência dos imperadores chineses da dinastia Manchu, que dominavam o país desde o século XVII.

Depois de 1895, a partilha da China entre as potências imperialistas parece inevitável. As grandes potências foram obtendo o controle dos pontos estratégicos da China, do litoral chinês e dos portos dos seus rios, por meios das "concessões territoriais", a China passa a ser uma semi-colônia. No mesmo ano, entrega a Rússia o território por onde passará a ferrovia Transiberiana, concessão ampliada em 1898, pela entrega do sul da península de Liaotung, com Port Arthur e Talien por 25 anos. Em todos esses territórios, transformados em verdadeiras colônias, a China renuncia ao exercício de sua soberania.

Tais fatos determinam, entre 1898 e 1900, duas tentativas de recuperação do país. A primeira durante o denominado período dos Cem Dias de Reforma, liderada por Kiang Yu-wei, conhecido como o “Confúcio moderno”, cujo programa, adotado pelo Imperador Guangxu, procurou abrir caminho à modernização da China. Promulgou cerca de 70 decretos que compreenderam: reforma do ensino, com a criação de uma Universidade em Pequim e de escolas superiores para a difusão da ciência e da técnica europeia, a criação de um exército nacional, reforma da agricultura e o amparo ao comércio e a indústria, a criação de um departamento oficial de traduções, para a divulgação de obras estrangeiras. A reação dos conservadores, apoiados pela regente Tseu-Hi, culmina com a prisão do imperador, a fuga de Kiang Yu-wei (1898) e a revogação dos decretos reformistas.

Fracassada a tentativa moderada, os nacionalistas passam à ação violenta com a Guerra dos Boxers. No contexto marcado por privilégios e humilhações levou inúmeros chineses a organizarem atos de rebeldia. Os nacionalistas chineses insatisfeitos com a presença estrangeira no país deram início a uma série de atentados, que acabaram gerando uma guerra. Como método de luta, os revoltosos matavam missionários cristãos, comerciantes e autoridades ocidentais e realizavam atentados contra os bens das companhias estrangeiras que operavam na China. Um exército internacional composto por europeus, norte-americanos e japoneses sufocou a rebelião. Os chineses foram condenados a pagar uma indenização e a permitir a presença de tropas estrangeiras no país. O médico Sun Yat-Sem que criara em Hong-Kong o Partido Nacionalista de orientação republicana, foi um dos líderes mais importantes deste período, teve o abundante apoio de antigos participantes da Reforma dos Cem Dias, políticos liberais, estudantes e militares.

Inspirado pelos Três Princípios do Povo (nacionalismo, democracia e sustento do povo) Sun Yat-Sem buscava uma mobilização popular. Suas exigências eram a queda da dinastia Qing e a expulsão imediata de todos os estrangeiros que se apossavam das riquezas do país.

Rapidamente, conseguindo o apoio político de outras províncias, eclodiram-se diversas revoltas ao longo do país. Sun é eleito Presidente das Províncias Unidas da China, com sede em Nanquim, em novembro de 1911. A dinastia, sem meios de resistir ao movimento, entrega o poder ao General Yuan Shikai, que negocia a abdicação do jovem imperador, em fevereiro de 1912, e proclama a República, da qual é eleito presidente provisório, depois que Sun Yat-sen renuncia em benefício da unidade nacional.

REPÚBLICA DA CHINA

Yuan Shikai, confirmado presidente em 1913, instaura uma verdadeira ditadura militar com o apoio das potências, que, para salvaguardar seus privilégios, tutelam o novo regime, através de um empréstimo que lhes garante, em troca, o controle da arrecadação do imposto do sal, a exploração das ferrovias e das riquezas minerais do país. Em 1914, o Japão declara guerra à Alemanha e viola a neutralidade da China; em 1915, apresenta as “Vinte e Uma Exigências” que, é apenas parcialmente aceita por Pequim, desmoralizam o governo, que julga propícia a hora para restaurar o Império. Os chefes militares locais (os chamados “senhores da guerra”) lutavam constantemente entre si e impunham todo tipo de arbitrariedades ao povo, como impostos e paralisação de colheitas e trabalhos públicos.

Em 1917, a China declara guerra à Alemanha na esperança de contar com a colaboração das potências imperialistas no período pós-guerra para que renunciassem às suas esferas de influências no país, que as tropas estrangeiras fossem retiradas, e que lhes fossem devolvidas as concessões e territórios arrendados. O Movimento do Quatro de Maio, anti-imperialista e antifeudal, com o qual o proletariado chinês passa a aparecer no movimento político do país, possibilitaram a propagação do marxismo-leninismo e sua combinação com a prática da revolução chinesa, preparando a ideologia e os dirigentes para a fundação do Partido Comunista da China.

Em 1922, os Tratados das Nove Potências asseguravam reconhecer a integridade territorial da China, que, em troca, deveria manter a política de portas abertas. Internamente, a nação sofre, depois de 1920, os efeitos da guerra civil, dirigida pelos “senhores da guerra”, que possuíam enorme poder nas províncias e controlavam, juntamente com outros grandes proprietários de terra, cerca de 88% das áreas produtivas. Em 1924, Sun Yat-sen reorganiza o Kuomintang, e nesse ano, Chiang Kai-shek, no comando da Academia Militar de Whampoa prepara, com a colaboração de oficiais alemães e soviéticos, o Exército Nacional Revolucionário.

A REVOLUÇÃO COMUNISTA

A Primeira Frente Unida e o Massacre de Xangai

A vitória da Revolução Russa em 1917 influenciou na criação do Partido Comunista Chinês (PCC), cujos principais fundadores foram o intelectual Chen Duxiu, o educador Peng-Pai e o ativista político Mao Tse-tung.

Em 1924, Sun Yat-sen, precursor da revolução democrática e fundador do Kuomintang começou a cooperar ativamente com o Partido Comunista, formando a Primeira Frente Unida, organizando as massas operárias e camponesas para a Expedição do Norte. O grupo direitista do Kuomintang, com Chiang Kai-shek como representante, passa a controlar o Partido Nacional do Povo. Disposto a submeter os chefes militares locais e impor-se ao país todo, Chiang Kai-shek contou com a colaboração dos comunistas em suas campanhas militares de reunificação da China, empreendidas entre 1925 e 1928. O apoio do Kuomintang era uma orientação da Internacional Comunista, que havia aclamado Chiang Kai-shek como um de seus dirigentes honorários – apesar do anticomunismo do líder chinês.

Em março de 1927, uma rebelião de trabalhadores em Xangai, liderada especialmente por comunistas, permite a tomada da cidade como parte da Expedição do Norte. O exército do Kuomintang chega após o fato, encontrando Xangai nas mãos dos trabalhadores e dos comunistas. Em abril, sentindo-se mais seguro no poder, Chiang Kai-shek ordena o massacre dos comunistas em Xangai e em outras cidades. Com o objetivo de neutralizar a influência dos comunistas no KMT, Chiang Kai-shek rompe com a Primeira Frente Unida pela violência, operando uma ofensiva brutal, que resultou em 300 mortes e cerca de 5.000 oficiais "desaparecidos". O expurgo generalizado é decretado contra os comunistas dentro do Kuomintang. A ruptura com o Comintern é consumida: os conselheiros soviéticos do Kuomintang devem gradualmente deixar o país, e abandonam os comunistas chineses à sua sorte. No início, a atitude de Chiang provocou uma divisão do KMT. O KMT “de esquerda”, dirigido pelo sucessor de Sun Yat-sen, Wang Jingwei, formou um governo “opositor” em Wuhan. Os comunistas o apoiaram, e entraram nesse governo. O Levante comunista e a Longa Marcha

Em 1 de Agosto de 1927, tropas dos adeptos do PCC, liderados particularmente por Zhou Enlai, rebelaram-se em Nanchang: os destacamentos rebeldes formaram os primeiros elementos do Exército Vermelho Chinês. Em 7 de Setembro, Mao Tse-tung liderou uma revolta de camponeses em Hunan e Jiangxi, onde estabeleceu um soviete: a revolta foi esmagada pelas tropas nacionalistas, mas Mao consegue escapar.

Os bandos armados revoltados realizam a sua junção com os camponeses rebeldes e assumem o controle de várias regiões do sul da China. Nas montanhas de Jinggang, Zhu De se junta a Mao Tse-tung e fornece conhecimentos militares. O fracasso das tentativas de insurreição operária acabou fortalecendo o grupo de Mao, pois, para escapar ao massacre nas cidades, os comunistas refugiaram-se nos campos, onde organizavam guerrilhas contra os ataques de Chiang Kai-shek.

Em 1928, a Expedição do Norte termina com a tomada de Pequim, simbolizando a unificação da China sob novo governo, que mantém a capital em Nanquim; o Kuomintang reclama soberania sobre toda a República da China e o seu governo é reconhecido internacionalmente. Assim, os grandes proprietários, os “senhores da guerra” e até a máfia passaram a apoiar Chiang e o KMT. Este alinhamento com a Alemanha falhou quando o Japão, aliado preferencial de Hitler, atacou a China em 1937. O generalíssimo Chiang Kai-shek buscava então o auxílio dos Estados Unidos, interessados por sua vez em impedir a expansão nipônica no Extremo Oriente.

Em 1930, a guerra das planícies centrais, distrai o exército governamental, e dão aos comunistas mais liberdade para organizar o seu controle sobre as áreas "vermelhas". De novembro de 1930 a janeiro de 1931, as tropas nacionalistas tentam romper com uma campanha de cerco aos comunistas no território do sul de Jiangxi, mas são repelidos pelas forças comunistas, que se revelaram muito melhor equipadas e treinadas do que simples guerrilheiros.

Em setembro de 1931, o governo chinês está desestabilizado pela invasão japonesa da Manchúria. Os comunistas aproveitam a oportunidade para reforçar a sua organização e em 7 de novembro de 1931, os territórios descontínuos das regiões comunistas são oficialmente unidos sob a autoridade da República Soviética da China, com Mao Tse-tung como presidente. Entre 1931 e 1934, o Exército Nacional Revolucionário do Kuomintang realiza quatro novas campanhas de cerco contra o

território comunista de Jiangxi, Henan, Hubei, Anhui, Shaanxi e Gansu. A última campanha, ordenada pessoalmente por Chiang Kai-shek, vê a vitória dos nacionalistas: de setembro 1933 a outubro de 1934, aproximadamente um milhão de homens são enviados para perseguir a República Soviética da China, cercada por bunkers.

As várias campanhas de “cerco e aniquilamento dos bandidos vermelhos” fracassaram, até que, em outubro de 1934, cerca de 100 mil comunistas tiveram de abandonar a região de Jiangxi. Foi o início de um dos episódios marcantes dessa guerra: a Longa Marcha, uma caminhada de 12 mil quilômetros atravessando onze províncias e travando combates incessantes, que o principal líder comunista, Mao Tse-tung, empreendeu com mais de 100 mil pessoas em direção ao noroeste do país com o objetivo de escapar ao cerco inimigo. Durante essa caminhada, muitas pessoas morreram, outras ficaram pelo caminho organizando os camponeses, que haviam se transformado na principal base de apoio dos comunistas. Apenas 9 mil chegaram ao destino final, a província de Shaanxi, onde se ergueu o quartel-general das tropas comunistas.

A AGRESSÃO JAPONESA

Em 1931, o Japão ocupa a Manchúria e no ano seguinte institui o Manchukuo como Estado fantoche, governado pelo Imperador Puyi, que abdicara em 1912. A atuação de Chiang Kai-shek, que não oferecera resistência ao invasor, acirra os ânimos dos comunistas, que continuavam a ser militarmente combatidos pelo generalíssimo. Enquanto isso, Mao Tse-tung distribuía terras aos camponeses e pregava a resistência ao Japão, atraindo as simpatias dos chineses. Em 1936, Chiang Kai-shek foi aprisionado em Xian, capital de Shaanxi, pelas tropas do General Zhang Xueliang, no conhecido Incidente de Xi'an. Em julho de 1937, sem declaração de guerra, o Japão inicia as hostilidades; em menos de noventa dias os japoneses ocuparam a parte oriental do país, sem que o governo nacionalista pudesse impedi-los. Pequim e Tientsin caem em poder dos nipônicos. Os EUA e a URSS firmam com a China tratados de ajuda e amizade e a Liga das Nações convoca os signatários do Tratado das Nove Potências em novembro de 1937, para que, individualmente, procurem auxiliar a resistência chinesa. Os comunistas, liderados por Mao Tsé-Tung, e os nacionalistas, liderados Chiang Kai-shek, assinam um acordo em 22 de setembro de 1937, pelo qual os comunistas abandonam seu projeto de um governo revolucionário, renunciando a insurgir-se contra o governo de Chiang Kai-shek que, pelo seu lado, comprometeu-se a suspender as operações anticomunistas, forma-se dessa forma a Segunda Frente Unida. Apesar da aliança, as forças chinesas não são fortes o suficiente para lutar contra o Exército Imperial Japonês e sofrem uma série de desastres no início do conflito. O Japão ocupa Xangai e Nanquim, realizando o bloqueio da China meridional, e instituindo um Estado títere, que durou de 1938 a 1945, reconhecido pelas potências do Eixo.

O REINICIO DA GUERRA CIVIL E A REVOLUÇÃO COMUNISTA DE 1949

Com o final da Segunda Guerra, os japoneses foram expulsos do território chinês e as tropas de Chiang Kai-shek, com o apoio bélico dos Estados Unidos, lançaram uma ofensiva contra os “vermelhos” de Mao Tse-tung, reiniciando, então, o conflito armado.

Em dezembro de 1945, o General George Marshall, representando o governo norte-americano, procurou conciliar comunistas e nacionalistas, cujas divergências ameaçavam a unidade chinesa. A conferência consultiva, realizada em janeiro de 1946, porém, resultou improfícua e o governo de coalizão dirigido por Chiang Kai-shek não contou com a participação dos comunistas e da Liga Democrática, que recusaram a aceitar a Constituição. O fracasso das negociações leva ao reinício das hostilidades, que demonstrariam a fraqueza dos exércitos nacionalistas e a incapacidade do Kuomintang para conduzir a nação, apesar da ajuda prestada pelos EUA.

Para piorar as coisas para os comunistas chineses, em 1946, no curso das negociações de paz entre o PCC e o Kuomintang, a URSS reconheceu diplomaticamente o governo do Kuomintang, na suposição de que o PCC seria derrotado numa nova guerra civil. Chiang Kai-shek teria se convencido de que não dispunha de meios para evitar a influência que o PCC teria na Manchúria após a retirada prevista dos soviéticos. A estratégia do líder comunista Mao Tsé-Tung foi a de cercar as cidades a partir dos campos. Os comunistas tiveram grande apoio da população pobre que experimentava enorme repugnância diante do exército e do governo de Chiang devido à enorme corrupção do mesmo e o seu mau desempenho durante a guerra contra o Japão; além disso, este era considerado um agente direto dos Estados Unidos, e isto num país que levava mais de um século lutando contra as potências estrangeiras era um ponto desfavorável.

Durante o primeiro ano do conflito, as tropas nacionalistas obtiveram ganhos territoriais, incluindo a capital comunista de Yan'an. Entretanto, logo em seguida, o moral do Kuomintang começou a desmoronar face às bem-sucedidas operações militares dos comunistas, diminuindo a confiança em sua administração, e no final de 1947 uma vitoriosa contraofensiva comunista estava a caminho. Em novembro de 1948, Lin

Piao completou a conquista da Manchúria, onde os nacionalistas perderam meio milhão de homens, muitos dos quais desertaram para o lado comunista.

Em 1948, quase toda a China do Norte estava em poder dos comunistas, que, no início de 1949, ocuparam Tientsin e Pequim, além de dominarem a região central do país. Chiang Kai-shek demitiu-se em janeiro de 1949, entregando o poder ao General Li Tsung-jen. A queda de Xangai, Nanquim e Cantão representava a liquidação dos exércitos nacionalistas, agravada pela atitude dos EUA, que em agosto de 1949 anunciavam a cessação de qualquer ajuda ao Kuomintang. Em dezembro, Chiang Kai-shek e o que restava de seu governo refugiaram-se na ilha de Formosa (Taiwan), onde instalaram a China Nacionalista.

Mesmo sem a ajuda da maior potência comunista, a União Soviética, dirigida na época por Stalin, as forças de Mao conseguiram a vitória. Em 1º de outubro de 1949, conquistaram o poder e proclamaram a República Popular da China, sendo instalada a Conferência Consultiva do Povo, que elaborou o programa do novo governo, presidido por Mao Tse-tung, sendo Zhou Enlai Presidente do Conselho e Ministro do Exterior.

REPÚBLICA POPULAR DA CHINA

Era do Mao Tse-tung (1949-1976)

A China continental foi então, reorganizada nos moldes comunistas, com apoio soviético. As mais importantes das primeiras ações do governo Mao foram à nacionalização dos grandes meios de produção e a oficialização do PCC (Partido Comunista Chinês). Tropas chinesas também participaram da Guerra da Coreia (1950-1953), combatendo ao lado da Coreia do Norte (sob-regime comunista), contra os EUA e a Coreia do Sul.

Entre 1953-1958 a China implanta seu primeiro plano quinquenal com apoio dos técnicos soviéticos, que deu grande impulso à indústria e a agricultura (esta coletivizada a partir de 1949). Entretanto, a morte do ditador soviético Josef Stalin, nesse ano, provocou mudanças de rumo no Partido Comunista da URSS, que levou o regime de Mao a enfatizar sua autonomia em relação a Moscou. Em 1956, começaram as críticas ao governo, Mao Tse-tung então faz uma abertura cultural, o chamado Movimento Desabrochar de Cem Floresou Campanha das Cem Flores (1956-1957), estimulando a liberdade de expressão e formação de opinião sobre o seu governo e a diminuição do poder da burocracia partidária. Mao acabou com a oposição e voltou a governar da mesma forma autoritária.

O “Grande Salto” foi um tremendo fracasso, que levou a desorganização total da economia e provocou a morte de milhões de camponeses por causa da fome. Com o fracasso do Grande Salto, Mao é afastado da direção da República retornando às vésperas da Revolução Cultural Chinesa, que durará entre 1966-1976.

O conflito ideológico sino-soviético, transformou-se num debate sobre a estratégia revolucionária, ao qual não faltaram acusações mútuas. Em 1966, intensificou-se em todo o país, sob a liderança da Guarda Vermelha (organização da juventude comunista), a chamada “Revolução Cultural”, movimento destinado a combater o revisionismo, as influências capitalistas no Partido Comunista e devolver a Mao Tse-tung a hegemonia no Partido Comunista e no Estado chinês. Uma tentativa autoritária de doutrinar a população e livrar a sociedade chinesa da influência ocidental, considerada nociva.

Gradativamente, setores contrários à hegemonia maoísta voltavam ao poder. Com a morte de Zhou Enlai (ministro das Relações Exteriores) e de Mao Tse-tung, em 1976, inicia um período de disputas pelo poder político da China. De um lado estava o setor radical, que pregava a necessidade do aprofundamento da pureza ideológica do socialismo chinês (a famosa "Camarilha dos Quatro", integrada por Yao Wenyuan, Jiang Qing, Zhang Chunqiao e Wang Hongwen); do outro, colocava-se o setor moderado (encabeçado por Deng Xiaoping), do ponto de vista político-ideológico que pregava a necessidade de construir uma grande base material para elevar o nível de vida da população. Com a vitória do grupo moderado, inicia-se o processo de "desmaoização", em que as ideias e os adeptos da Revolução Cultural foram sendo afastados. Deflagrou-se um grande expurgo nos quadros partidários e do governo. Toda a culpa do desastre da Revolução Cultural cai sobre a Camarilha dos Quatro. A nova liderança do Partido Comunista pôs em prática um novo plano de reorganização política e econômica da China e aprovou uma nova constituição, um plano decenal e um novo hino nacional.

Era Pós-Mao

Em 1978, Deng Xiaoping sobe ao poder. Com a tomada do poder, os partidários do antigo líder são afastados do poder político, adotam-se as Quatro Modernizações, fazendo a abertura econômica do país ao capitalismo, implantando assim o socialismo de mercado. O governo chinês desenvolve uma política de reaproximação com o governo dos Estados Unidos, o que levou ao restabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países em 1979. No período de 1981 a 2001, o PIB chinês cresceu a taxa média de 9,5% por ano.

Entretanto os novos dirigentes pouco fizeram para criar instituições mais democráticas. A China continua sob o governo do Partido Comunista Chinês, que ainda reprime brutalmente as manifestações populares e a livre expressão.

Exemplo disso foi o massacre promovido pelo governo na Praça da Paz Celestial, em Pequim, em 1989. O movimento pró-democracia, conhecido como o Massacre da Praça da Paz Celestial, terminará sob a mira de canhões de guerra, levando a morte de mais de 1400 estudantes.

ECONOMIA CHINESA NO SÉC. XXI

Desde os anos 1970 a China passou de um sistema fechado, centralmente planejado para um mais orientado mercado que desempenha um papel importante a nível mundial - em 2010 a China se tornou o maior exportador do mundo. As reformas começaram com a eliminação progressiva da agricultura coletivizada, e expandida para incluir a liberalização gradual dos preços, a descentralização fiscal, maior autonomia para empresas estatais, a criação de um sistema bancário diversificado, o desenvolvimento dos mercados de ações, crescimento rápido do setor privado, e de abertura ao comércio exterior e investimento. A China tem implementado reformas de forma gradual. Nos últimos anos, a China renovou o seu apoio para as empresas estatais em setores que considera importantes para a "segurança econômica." Depois de manter sua moeda fortemente ligada ao dólar dos EUA durante anos, em julho de 2005, a China reavaliou sua moeda em 2,1% contra o dólar dos EUA e se mudou para um sistema de taxa de câmbio que faz referência a uma cesta de moedas. A reestruturação da economia e ganhos de eficiências resultantes contribuíram para um aumento de dez vezes mais do que no PIB desde 1978. Medido numa base de paridade poder de compra (PPP), que ajusta as diferenças de preços, na China em 2010 manteve-se como a segunda maior economia do mundo após os EUA, tendo ultrapassado o Japão em 2001. Os valores em dólares da produção agrícola e industrial da China são superiores aos de os EUA, a China é o segundo para os EUA no valor dos serviços que ele produz. Ainda assim, a renda per capita está abaixo da média mundial. O governo chinês enfrenta numerosos desafios econômicos, incluindo: (a) reduzir a sua alta taxa de poupança doméstica e, correspondentemente, baixa demanda interna, (b) sustentar o crescimento do emprego adequado para dezenas de milhões de migrantes e os novos operadores no mercado de trabalho; (c) redução corrupção e outros crimes econômicos, e (d) contendo os danos ambientais e Conflitos. Sociais relacionados com a rápida transformação da economia. O desenvolvimento econômico tem progredido mais nas províncias costeiras do que no interior, e cerca de 200 milhões de trabalhadores rurais e seus dependentes se mudaram para áreas urbanas em busca de trabalho. Uma consequência do "filho único" política adotada pela China, devido ao fato de que a China é hoje um dos países mais populosos no mundo. A deterioração do ambiente - nomeadamente a poluição do ar, erosão do solo e a queda constante do lençol freático, especialmente no norte - são outros problemas em longo prazo. A China continua a

perder terra arável devido à erosão e ao desenvolvimento econômico. O governo chinês pretende aumentar a capacidade de produção de energia de outras fontes de carvão e petróleo, com foco em desenvolvimento de energia nuclear e alternativa. Em 2009, a crise econômica global reduziu a demanda externa por exportações chinesas pela primeira vez em muitos anos, mas a China recuperou-se rapidamente, superando todas as outras economias grandes em 2010 com o crescimento do PIB em torno de 10%. A economia parece definido para permanecer em uma trajetória de crescimento forte em 2011, dar credibilidade às políticas de estímulo ao regime rolou durante a crise financeira global. O governo promete, no Plano Quinquenal 12 adotada em Março de 2011, para continuar a reforma da economia e enfatiza a necessidade de aumentar o consumo doméstico a fim de tornar a economia menos dependente das exportações para o crescimento do PIB no futuro. Dois problemas econômicos no qual a China enfrenta atualmente são as inflações - que, no final de 2010, superou a meta do governo de 3% - e da dívida do governo local, que inchou como um resultado de políticas de estímulo, e é em grande parte fora dos livros e potencialmente de baixa qualidade.

CURIOSIDADES SOBRE A CHINA

- Sozinha, a China tem duas vezes mais gente do que a Europa inteira.
- 1,2 bilhões de pessoas, este é o número estimado de habitantes (pessoas registradas) pelo último CENSO.
- Por causa da superpopulação, cada casal só pode ter um filho. Mas, se o primeiro for menina, pode-se tentar de novo.
- Com quase 3.000 km de extensão, a Muralha da China, única obra feita pelo homem que pode ser vista do espaço, começou a ser construída em 200 A.C. e completa atualmente 2200 anos de vida. Sua construção envolveu mais de um milhão de pessoas, muitas das quais morreram ali mesmo. Sua imponência começa pelo aspecto visual e termina na prática, pois em alguns trechos de suas descomunais escadarias, o visitante só consegue subir os degraus de quatro, com as mãos no chão.
- Li ou Lee (forma inglesa) é o sobrenome mais comum do mundo. Só na China existem 87 milhões deles.
- A FÊNIX: uma das criaturas mágicas da mitologia chinesa. Dizem que só aparecia quando o país era governado por um bom imperador.
- Por ser o BOI o animal que mais ajuda na lavoura, puxando o arado e a carroça, a maioria do povo chinês considera pecado comer sua carne.
- A arte de empinar pipas é tradicional na China.
- A China sozinha executa mais condenados que a soma dos 63 países que adotam a pena de morte.

- Um quarto dos crimes previstos no Código Penal é punido com a morte, incluindo delitos menores como envenenar gado ou difundir pornografia.
- Como qualquer pessoa pode ficar presa até 3 meses sem acusação formal, o Judiciário Chinês pode prender parentes de um foragido, para que este seja forçado a se entregar.

ANEXOS:



1. Sun Yat-sen, primeiro presidente da República de China e fundador do Kuomintang.



2. Yuan Shikai, importante general e político chinês.



3. O Generalíssimo Chiang Kai-shek.



4. Mao Tse-tung



5. Mapa da Longa Marcha das forças de Mao.



6. Estudantes reunidos em Pequim durante o Movimento Quatro de Maio.



7. Mao Tse-tung proclamando a fundação da República Popular da China em 1 de outubro de 1949 em Pequim.